

Critérios para o cálculo de distâncias

Nos séculos XVII e XVIII o registro das distâncias não era padronizado, podendo variar conforme a nação e mesmo no interior de uma monarquia ou império. Soma-se a essa variação a imprecisão na anotação das referências espaciais, de acordo com as habilidades e as intenções dos que redigem os documentos. Por isso, as medidas não podem ser simplesmente traduzidas em termos matemáticos.

A documentação holandesa costuma medir as distâncias em milhas. Segundo a base de dados online sobre a navegação holandesa da Companhia das Índias Orientais, por volta de 1600, uma milha holandesa equivalia a, mais ou menos, 5,3 km ou “uma hora de caminhada”.

A documentação portuguesa geralmente expressa as distâncias em léguas e braças, cujas medidas variavam entre Portugal e o Brasil. Miguel da Silva Marques, ao analisar a cartografia da Época Moderna, indica que a légua podia variar entre 5,5 e 6,5 km em Portugal, e entre 6,1 e 6,5 km no Brasil. Roberto Simonsen assinala que a légua podia variar entre 6,172 km e 5,555 km, enquanto a braça media 2,20 m.

O cálculo para as distâncias adotado na plotagem dos lugares, trajetos e regiões levou em conta essas variações, ajustando os números aos marcos geográficos (vilas e rios) mencionados na documentação. Assim, por exemplo, as referências presentes na *Relação* do padre Antônio da Silva (1678) permitem calcular que cada légua equivalia, nesse documento, a cerca de 2,5 a 3,5 km.

No caso dos trajetos de expedições, as fontes variam quanto ao detalhamento das informações. Em alguns documentos, há detalhes suficientes para permitir um traçado mais consistente, como no *Diário* de Johan Blaer (1645). Em outros, o texto menciona apenas os nomes de vilas ou rios pelos quais as tropas seguiram (ou deviam seguir), resultando em traçados prováveis, acompanhando o curso dos rios mais caudalosos.

Para as sesmarias, a enumeração das terras concedidas é geralmente acompanhada por menções a lugares ou proprietários confrontantes, o que facilita sua localização. Mesmo assim, os lugares nem sempre são facilmente identificáveis, devido à mudança de nomes ao longo do tempo ou à ausência de dados sobre as propriedades contíguas. As extensões de terra eram medidas em léguas, especificando-se a quantidade de testada e de fundo ou simplesmente indicando-se sua área por meio do número de léguas em quadra (léguas quadradas). Também nesse caso, houve necessidade de alguns ajustes. Quando a carta de sesmaria especifica claramente as medidas de testada e fundos das terras concedidas, o cálculo de sua área total e respectiva localização são menos arbitrários. Quando as informações são mais vagas, o número de léguas em quadra foi convertido na proporção de 1 légua em quadra equivalente a 4.356 hectares para a plotagem.

Bibliografia de apoio:

Damasceno, Felipe Aguiar. *A Ocupação das Terras dos Palmares de Pernambuco (Séculos XVII e XVIII)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

Lara, Silvia Hunold. *Palmares & Cucaú. O aprendizado da dominação*. São Paulo, Edusp, 2021.

- Marques, Miguel da Silva. *Cartografia Antiga: Tabela de Equivalências de Medidas, Cálculo de Escalas e Conversão de Valores de Coordenadas Geográficas*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2001.
- Plataforma S.I.L.B (Sesmarias do Império Luso-Brasileiro)*. Disponível em: <http://www.silb.cchla.ufm.br/plataforma-s-i-l-b>. Acesso em 08/10/2021.
- Simonsen, Roberto. “Quadro geral das principais medidas e moedas utilizadas nos últimos tempos do Brasil colonial”. *História Econômica do Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977, pp. 462-463.
- “Woordenlijst – Navigatie”. *De VOC Site*. Disponível em: <https://www.vocsite.nl/woordenlijst/navigatie.html>. Acesso em 08/10/2021.